

## **A CENTRALIDADE DO CORPO EM *DIVÓRCIO***

O romance *Divórcio*, de Ricardo Lísias, é de difícil síntese. Se por um lado o título sugere um enredo que trata sobre a separação entre duas pessoas casadas, sua leitura permite a percepção de diversas reflexões para além do indicativo oferecido pela intitulação. Poderíamos citar, por exemplo, a) a questão da memória — envolvendo tanto episódios familiares quanto a relembração do processo de separação do narrador homônimo ao autor —; b) a superação física através de caminhadas e corridas cada vez mais longas, até a disputa da Octogésima Sétima Corrida Internacional de São Silvestre — esse aspecto determina, inclusive, a nomeação dos capítulos, que se estendem progressivamente do "Quilômetro um" ao "Quilômetro quinze" —; c) a crítica à imprensa e ao jornalismo brasileiros — vinda através da observação e ironização do meio social e das prioridades da ex-mulher do protagonista-narrador —; d) as questões éticas que envolvem um casamento — por meio das análises que o narrador faz das atitudes tomadas pela ex-mulher nos poucos meses em que estiveram casados —; e) a metalinguagem — assumindo uma postura autocrítica, o narrador tece comentários que variam desde a frustração com o percurso de um capítulo até o apontamento de problemas do próprio texto — f) e a reconstrução do próprio corpo — que pode ser considerada um elemento central na coesão entre todas as linhas reflexivas contidas no texto.

Com relação a este último aspecto, o da reconstrução do próprio corpo, é possível afirmar que o romance de Lísias parece situar-se num intervalo entre a morte do narrador e sua integridade. Tal morte, porém, não é referente àquela que torna o narrador-protagonista um defunto-autor, como em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, e sim uma morte em vida, evidenciada pela sentença "A gente vive a morte acordado" (LÍSIAS, 2013, p. 07) e também por falhas em sua memória atribuídas a isso: "Tenho pontos obscuros na minha vida entre agosto e dezembro de 2011. Neles, devo estar morto" (Ibidem, p. 07). Algo relevante é que essa morte gera uma perda da pele do narrador-protagonista. Logo na primeira parte do texto de Lísias, cujo subtítulo é "um corpo em carne viva", por exemplo, ele se apercebe de seu estado mórbido e de seu corpo danificado após quatro dias sem dormir:

Estendi o braço direito e ele se chocou com a cama. Ardeu porque meu corpo estava sem pele. O caixão continuava ali. De alguma forma, meu queixo acertou o joelho esquerdo. A carne viva latejou e ardeu. Como o choque foi leve, não durou muito. (...) Outra vez estendi o braço direito e ele tocou o caixão. O cadáver sem pele me obedecia. Tentei abrir os olhos para confirmar se continuava morto na cama nova. (Ibidem, p. 07-08)

Em um momento posterior é notável que a perda da pele do narrador deve-se ao conteúdo dos desabafos que sua ex-mulher fazia em um diário enquanto ele dormia nu, completamente desprotegido, inteiramente vulnerável. As escritas de foro íntimo eram indicativas de desonestidade e desilusão para com o marido, acusado de não viver, ficar trancado lendo a vida toda, não saber dirigir, não fazer uma poupança, ser simplório, patético, um menino bobo, um autista, não saber o que é o mundo, entre outras coisas. Em determinado instante, inclusive, o narrador afirma: "A seguinte frase tirou-me toda a pele: *Casei com um homem que não viveu. O Ricardo ficou trancado dentro de um quarto lendo a vida toda*" (Ibidem, p.122).

Levando em consideração a percepção de sua morte e da perda de sua pele, o narrador faz uma promessa que procura cumprir e que é reiterada por todo o restante da narrativa: "Morro só mais uma vez" (Ibidem, p. 08). Então, inicia-se um processo de reconstrução da própria pele e da própria vida (seja do ponto de vista físico quanto social).

Tal reconstrução apresenta como um dos elementos principais uma nova percepção do corpo, através da respiração, que estava escassa, e do reconhecimento da própria existência, como um cadáver ressuscitado.

Logo após o divórcio, um dos meus maiores problemas foi o ar. Na rua, respirava fundo e o fôlego não atravessava a garganta. (...) Olhei ao redor. Se morri, não posso estar vendo essas luzes. (...) Então, parei por alguns instantes para checar meu corpo. Percebi algum alívio ao notar que minhas pernas estavam cansadas. Alguma coisa clareou na minha vista. Estava amanhecendo. Eu tinha andado muito. Estou vivo. (Ibidem, p. 08-09)

Além dos trechos que descrevem esse processo, alguns subtítulos de capítulos são também referentes a esse processo de abandono da morte e da reconstrução da própria pele, como o do quarto capítulo — "só morro mais uma vez" —, e o do sexto — "um resquício de pele".

Sendo assim, é possível que se afirme que **o corpo** é elemento central do romance de Ricardo Lísias, o qual metamorfoseia-se rumo a uma restauração, a qual

ocorre, entre outras coisas, por processos como a recuperação da memória, por atividades físicas e pelo distanciamento provocado pelo universo virtual na resolução dos problemas.

## O CORPO COMO METÁFORA MATERIALIZADA

Um corpo em carne viva, que poderia ser entendido simbolicamente, no texto em questão parece assumir uma função de metáfora materializada, já que diversas situações do dia-a-dia de Ricardo Lísias parecem ser afetadas pelo corpo desprotegido. Dar aula, tomar banho, andar na rua e fazer diversas atividades cotidianas são dificultadas devido à pele perdida — "De novo senti vontade de chorar. Como minhas pálpebras estavam sem pele, fiz força e evitei" (Ibidem, p. 11); "Um corpo sem pele é muito sensível. O calor aumenta a impressão de queimado, e o frio, por sua vez, parece que vai direto para os ossos" (Ibidem, p. 59).

Ocorre uma extrapolação, então, do simples *status* de figura de linguagem que é a metáfora, à semelhança daquilo que a obra de Kafka oferece. De acordo com Günther Anders, o a obra do escritor tcheco extrapola a questão do símbolo e da alegoria, fundando um novo mecanismo:

O *alegorista* põe em movimento seu mecanismo convencional (teológico, mitológico ou do gênero) de tradução ao substituir *conceitos* por *imagens*. O simbólico autêntico toma a parte pelo todo (*partem pro toto*), isto é, faz um objeto representar o outro, porque este, ao que se supõe, é da mesma substância que o outro. Kafka não faz nem uma coisa nem outra. O que ele traduz em imagens não são conceitos, mas situações. (ANDERS, 2007, p. 56)

Ainda segundo o crítico, não há em Kafka uma invenção de imagens, e sim uma assunção delas. As imagens em sua literatura estariam alicerçadas em um "pronunciamento imagético" previamente construído pelos personagens que o assumem (Ibidem). É isso o que ocorre na *Metamorfose*, de Franz Kafka, por exemplo, cujo protagonista acorda, certo dia, transformado em um grande inseto, correspondente ao que Gregor Samsa possivelmente havia previamente projetado sobre si:

Aos olhos do mundo respeitável e "capaz", Gregor Samsa é um "inseto sujo", porque quer viver como artista (isto é, um "ser aéreo"): então ele acorda, na *Metamorfose*, transformado num inseto que gosta de grudar no teto do quarto. (Ibidem, p. 57)

Em *Divórcio*, então, a metáfora aos moldes kafkianos da perda de pele do protagonista pode ser decorrente de um pronunciamento imagético do próprio narrador, uma vez que este sente-se sem vida após um investimento econômico e pessoal em uma vida a dois. O corpo em carne viva de Ricardo Lísias é a materialização de um desamparo, reflexo da deslealdade e infidelidade, e, mais que isso, de um registro disso tudo deixado em um diário escrito em instantes de vulnerabilidade. Segundo o narrador, resolveram brincar em cima de seu corpo nu.

A materialização da metáfora no texto de Ricardo Lísias, ou, nas palavras de Anders, o fato do personagem assumir a metáfora, é algo que aproxima bastante este romance ao de Kafka - os protagonistas de *Divórcio* e *A metamorfose* descobrem-se metamorfoseados em local semelhante: na própria cama. Além disso, a assunção da metáfora coloca o narrador ainda mais próximo do objeto literário, que é algo de extrema relevância em sua vida: Lísias é um escritor e quando abandona o apartamento em que morou enquanto estava casado está munido apenas uma versão de *Ulisses* e um *pen drive* com aquilo que já havia escrito de *O céu dos suicidas*, um romance, voltando apenas para xerocar o diário que proporcionar-lhe-ia um outro livro, o próprio *Divórcio*.

Mais que isso, certos trechos evidenciam ainda mais essa aproximação, como quando Ricardo Lísias tem a sensação de estar na pele de seus personagens:

No sexto dia, com o corpos sem pele queimando apesar do frio, não me senti morto: tive certeza de ter enlouquecido. Eu acabara de escrever um SMS chamando minha ex-mulher de puta quando, na metade de uma frase autobiográfica, achei que estava vivendo um dos meus contos. (...)  
Só pode ser ficção. No meu último romance, *O céu dos suicidas*, o narrador enlouquece e sai andando. Agora, fiquei louco e estou vivendo minhas personagens. (LÍSIAS, 2013, p. 15)

Em certo instante, inclusive, o narrador-protagonista chega a afirmar: "A conclusão é obrigatória: a literatura agora é parte vital não apenas da minha vida simbólica, mas até do meu corpo" (Ibidem, p. 166). Ricardo Lísias, então, vivenciando a metáfora do corpo sem pele, bem como Gregor Samsa, sofre modificações no decorrer do romance para que consiga, enfim, reabilitar-se.

## **RECONSTRUÇÃO DA PELE: O PAPEL DA MEMÓRIA**

Entre tantos paralelos motivos que proporcionam que o narrador de *Divórcio* readquira aos poucos sua própria pele, um deles é a lembrança de alguns episódios de

sua vida, impulsionados pela vivência presente, ou até mesmo fatos que tornariam possíveis certas de suas características de futuras.

O jogo com a memória ocorre, por exemplo, quando Lísias relembra que a ex-mulher já o havia machucado antes de deixá-lo em carne viva, durante um ato sexual, através de uma cravada de unha que retirou pele e gerou sangramento. A partir dessa memória, a sentença "A pele ferida me impressiona" (Ibidem, p. 31) proporciona a lembrança de um machucado na careca do avô, observado pelo protagonista de *Divórcio* quando fora levado por aquele ao aeroporto para o embarque em uma viagem que o permitiria vencer o Campeonato Brasileiro Infantojuvenil de Xadrez, no Chile. O protagonista, então, ressalta que o episódio proporcionou-lhe uma grande mudança: "Naquele momento, deixei a infância para trás. Tornei-me um adolescente silencioso e muito sensível a tumultos" (Ibidem, p. 34).

Nesse caso, uma situação do presente gera uma lembrança de infância. No entanto, a contrapartida também ocorre, sendo que situações do passado recobram experiências atuais:

Na época da viagem ao Chile eu já dormia inteiramente nu. Todo esse diário foi escrito pela minha ex-mulher ao meu lado na cama, quando eu adormecia com o corpo exposto. Agora estou em carne viva. (Ibidem, p. 34)

Retroativamente, Ricardo Lísias relembra por que passou a dormir nu, hábito que contribuiu com sua vulnerabilidade e dano daquele instante presente. Tudo havia começado quando, aos nove anos, ele costumava acordar após ter urinado na cama devido a pesadelos com um monstro, o qual dividia seu corpo em quatro pedaços. A solução tomada por sua mãe foi colocá-lo para dormir nu, pois assim a urina o incomodaria muito mais. Desde então, o problema foi sanado e Lísias nunca mais usou pijama, ainda que a consequência tenha sido ficar aproximadamente dez anos sem se lembrar dos sonhos. Uma decisão passada parece ser, então, decisiva num momento presente, ou seja, o hábito de dormir nu, inicialmente planejado para resolver um problema, acaba por trazer consequências graves quando o narrador se casa — nesse caso, tornar-se exposto e vulnerável enquanto a ex-mulher escrevia um diário que o afetava.

A pele ferida, um dos principais aspectos do romance *Divórcio*, é evidenciada também pelas memórias de Lísias em marcas de tortura da ditadura militar brasileira, que parece também ser decisiva na construção de sua personalidade, como bem indiciam suas memórias:

[X] aparece no fundo de um corredor, saindo do banheiro onde lavara o rosto. A partir da testa, a água escorre através dos sulcos que a tortura tinha deixado. O olho esquerdo está oculto atrás das pálpebras inchadas. O direito, os militares deixaram intacto. Há um corte na boca e curativos nas duas orelhas. Anos depois, eu soube que ele recebera vários "telefonemas": tapas fortes e simultâneos nos dois ouvidos. (Ibidem, p. 42)

Neste trecho, o narrador relembra o encontro com um primo de sua mãe que acabara de ser libertado pela ditadura. Ao relatar o momento, acaba atribuindo seu silêncio e introspecção às reuniões familiares que silenciavam as torturas de parentes, acometidos pelo autoritarismo. Um corpo metamorfoseado pela violência política é, então, um aspecto que torna-se decisivo em sua vida futura.

Sendo assim, as memórias de Ricardo Lísias trazem à tona um trânsito e uma relação interminável entre fatos passados e presentes, tornando clara a falta de controle sobre a vida e a relatividade dos benefícios ou malefícios em diferentes situações da vida. Ademais, os episódios da vida de Lísias são marcados por inúmeras metamorfoses, seja da passagem da infância para a adolescência, do fato de se deixar de fazer xixi na cama, do fim e do recomeço dos sonhos. A perda da pele e sua subsequente reconstrução mostram-se como o ápice de todas as metamorfoses vividas pelo narrador anteriormente.

## **RECONSTRUÇÃO DA PELE: O PAPEL DAS CORRIDAS**

Um elemento evidente na recomposição da pele de Ricardo Lísias são as constantes e paulatinas caminhadas e corridas efetuadas. A importância desse aspecto é tão grande que os capítulos são enumerados não com títulos que fazem referências claras aos seus conteúdos — afinal, esse papel parece ser atribuído aos subtítulos —, mas através de uma demarcação cardinal de quilometragem correspondente à quantidade de quilômetros da Corrida de São Silvestre — quinze.

Tal corrida seria o último episódio da narrativa se ela fosse organizada cronologicamente. De fato, o derradeiro capítulo preocupa-se quase exclusivamente com a participação de Ricardo Lísias na competição, mas, além disso, surgem trechos curtos nos entremeios dos capítulos relatando aspectos da São Silvestre, denotando ser ela um objetivo último do narrador, estabelecendo um contraste com a fragilidade do corpo em carne viva inicial e em recuperação.

Isso evidencia-se ainda mais ao notarmos que o crescimento da pele do narrador e protagonista é diretamente proporcional a sua resistência nas corridas. A debilitação

física decorrente da fraqueza nas pernas, da falta de fôlego e da perda de pele é, aos poucos, superada através dos exercícios físicos. O início apresenta-se complicado:

Às vinte três horas, tranquei o cafofo, fui até a avenida que cruza minha nova esquina e comecei a correr em um ritmo médio. Devo ter aguentado uns cinco minutos.

A falta de ar incomodou um pouco e logo precisei respirar com bastante força. No entanto descobri que o principal empecilho seriam as plantas dos pés: elas estavam em carne viva. (Ibidem, p. 97)

O renascimento da pele passa, então, a ocorrer com a regularidade dos exercícios, dos pés à cabeça, denotando que a reabilitação do corpo começaria pelos membros de significativa importância na recuperação: os inferiores, principais possibilitadores das corridas.

Acho que mais dez dias e eu estava conseguindo correr por quinze minutos sem parar. A sensação foi de esperança. Quero estabelecer uma rotina de novo. Minha pele tinha se refeito até a canela e o vento gelado, enquanto eu corria, refrescava o resto do meu corpo descarnado. (Ibidem, p. 102)

Isso ocorre gradativamente até que no final do texto, debaixo de uma chuva durante a disputa da Corrida de São Silvestre, a pele de Lísias mostra-se recomposta, ainda que digna de receio diante de sua novidade e fragilidade:

Como estava quente, notei o choque térmico e acho que por quatro ou cinco metros fiquei tremendo. Minha pele é muito nova. Se eu puxar o tecido, talvez ela venha junto e vou ficar de novo em carne viva. Esfreguei a camiseta no abdômen e a água escorreu. Não senti dor. De súbito, estiquei o tecido para a frente. Ele foi se soltando, do umbigo à parte posterior dos mamilos. Minha pele estava intacta. (Ibidem, p. 227-228)

No final das contas, as corridas são a hipérbole daquilo que era visto como defeito pela ex-mulher do narrador. Uma das sentenças do diário escrito por ela é iniciada por uma conjunção concessiva que denota sua posição negativa a respeito dos hábitos andarilhos do marido "Apesar de andar muito, o Ricardo é legal". As corridas informais e a São Silvestre parecem significar, enfim, um revanchismo referente à ex-mulher e uma paralela superação do trauma inicial. Parafraseando, então, sua promessa de morrer somente mais uma vez, em certo momento Lísias faz outra promessa: "Nunca mais paro de correr" (Ibidem, p. 98).

## Reconstrução da pele: o papel dos ambientes virtuais

Outro aspecto importante na reconstrução da integridade corporal de Ricardo Lísias é a utilização pelo personagem-narrador de ambientes virtuais. O processo de divórcio pelo qual passa o protagonista, apesar de ser desencadeado por um objeto arcaico — um diário de papel —, tem seu desdobramento sobre aparatos tecnológicos, como mensagens de texto — SMS — e *e-mails*.

Não existe um diálogo travado pessoalmente entre as partes envolvidas no divórcio após Lísias ler o diário. Sua reação inicial é tirar uma cópia do objeto e deixá-lo na portaria do prédio em que morava com a ex-mulher. Desde então, todos os contatos travados com ela são feitos via SMS e *e-mail*, como se fosse uma recusa de mostrar-se fragilizado, já que a comunicação dar-se-ia à distância, embora seu estado ficasse claro através da linguagem, em mensagens contraditórias:

A tontura me jogou na cama. Mesmo no inverno, o calor do meu corpo descarnado me queimava. Mandeí outro SMS. Não sei o que disse. Se tiver enlouquecido, nunca mais vou olhar para os meus amigos. Depois, sentei no chão. Mandeí um terceiro SMS, agora com uma declaração de amor. Na resposta, ela me chamava de idiota. (Ibidem, p. 15)

Mesmo que não me acalmasse muito, resolvi sair para andar todos os dias à meia-noite. Acho que agora estamos na quarta-feira da segunda semana. De maneira nenhuma, conseguia parar com o ridículo ritual de mandar um e-mail agredindo minha ex-mulher e, um pouco depois, outro pedindo desculpas com uma declaração de amor. (Ibidem, p. 51)

Aos poucos, através do ambiente virtual, entretanto, Ricardo Lísias sofre uma metamorfose comportamental e começa a investir numa brutalidade que não corresponde com seu estado de fragilidade física e psíquica. O narrador parece ter uma outra existência quando colocado diante de aparatos tecnológicos, uma existência razoavelmente mais valente e forte. Expondo-se através de uma "máscara", o protagonista envia virtualmente ameaças e xingamentos aos amigos da ex-mulher, bem como ao advogado que fora contratado por ela:

No domingo, tive um pequeno impulso para reagir. Os dias anteriores tinham se resumido a andar de madrugada o tempo que aguentasse é, depois, ficar agredindo minha ex-mulher e o advogado dela por e-mail ou SMS.

Fiz uma série de anotações nesses dias. A maioria listava como eu poderia ridicularizar o advogado. Oi, rábula, e hoje o almofadinho vai querer preservar o quê? Não precisa ser tão didático, doutor. Acho que o pior foi quando ele disse que intermediária a retirada das coisas que tinham ficado na casa da minha ex-mulher. Aí, ouviu o que nunca tinha

imaginado quando lia o Código Civil e o de Boas Maneiras na faculdade.

Olha, pateta togado, vai tomar no cu. Não aparece na assinatura do divórcio não, certo? Vai que fico nervoso arreberto essa sua cara de almofadinha. Minha ex-mulher não te avisou que sou perigoso? Esqueci de dizer: você escreve muito mal. No curso de rúbulas não ensinam a escrever? Você é uma besta, senhor advogado. (Ibidem, p. 55-56)

O prenúncio dessa imersão no ambiente virtual como forma de "travestimento", porém, já fora utilizado pela própria ex-mulher do narrador. Como jornalista cultural, ao viajar para a França para cobrir o Festival de Cinema de Cannes, acaba por envolver-se pessoal e sexualmente com um membro do júri do evento, a ponto de saber que naquele ano de 2011 dificilmente alguém tiraria o prêmio de Malick. O envolvimento é descoberto através do diário dela, meses depois, mas o resultado final do Festival já fora anunciado pela ex-mulher de Lísias via *e-mail* — principal forma de comunicação entre os dois durante a viagem —, gerando indignação no protagonista, que responde irritado: "como alguém pode saber que esse ano dificilmente alguém tira o prêmio do Malick se o festival ainda está na metade? E os filmes que não foram apresentados?" (Ibidem, p. 111). Apesar de todas as correspondências virtuais trocadas durante aquele período indicarem uma aparente normalidade por parte da ex-mulher, a ausência de mensagens no correio eletrônico em horários previamente combinados passam a ser motivo de desconfiança por parte de Ricardo. É notável, pois, que tanto a forma de tripudiação da mulher durante a cobertura de Cannes quanto a comunicação escolhida pelo narrador após o divórcio são semelhantes: através de comunicação virtual.

Sendo assim, a linguagem escrita, apoiada em aparatos tecnológicos, tem papel fundamental no processo de superação da traição ex-mulher e na reconstrução do corpo do narrador-protagonista, uma vez que a comunicação proporcionada pelos ambientes virtuais ocasiona um distanciamento físico entre os envolvidos no divórcio. A tecnologia é, dessa forma, responsável pela metamorfose no comportamento de Ricardo Lísias, a qual contribui com a reconstrução de sua própria pele.

## ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Finalizar um texto sobre *Divórcio* causa a sensação de insuficiência. Como nos enredos dos filmes de Quentin Tarantino, muitas linhas narrativas paralelas deixam de ser tocadas e parecem ser perdidas quando se tenta abordar o assunto. Talvez um tangenciamento importante do romance seja com a obra do chileno Roberto Bolaño — citada indiretamente no penúltimo capítulo do texto de Ricardo Lísias —, cujos textos

apresentam tantas informações e fragmentos a ponto de tornar-se complicado, ou até mesmo impossível, englobar todas as informações numa mesma análise e interpretação.

Fez-se necessário, então, neste texto, realizar recortes temáticos e interpretativos sobre a narrativa. Quanto ao foco assumido desde o início deste texto, é notável que a reconstrução da pele (como uma metáfora assumida) é elemento central do romance. Nesse sentido, se levarmos em consideração algumas das experiências que permitem que a pele do narrador se recomponha — seja o fluxo da memória, as corridas, sejam os ambientes virtuais —, é notável que as metamorfoses corporais e psíquicas são constantes em toda sua vida. O ápice da metamorfose do protagonista, aquele em que podemos associar ao personagem Gregor Samsa no instante em que Lísias descobre-se sem pele, é impulso principal para que todo um processo de resistência seja iniciado.

A resistência de uma vida e de um corpo, trazidas à tona como metáfora materializada, parece ser indicativo de que a Literatura pode ser resistência. A escritura do livro, inclusive, apresenta-se como contribuinte de tal aspecto.

Outra opinião veio do primeiro leitor de *Divórcio*. Este parágrafo portanto está sendo escrito durante a revisão. O narrador do seu livro parece um guerrilheiro perdido e solitário: atira para todo lado. Gostei muito. Esse tipo de soldado costuma ter a pele forte e desde cedo aprende a resistir. A arte é uma possibilidade de resistência. (Ibidem, p. 198-199)

Portanto, algo que está no pano de fundo do romance é o aspecto político. Enquanto num plano individual o narrador discute a ética de um casamento, num patamar amplo acaba por tocar em questões socialmente éticas. Quando, no décimo segundo capítulo, Ricardo Lísias apresenta as diversas investidas e argumentos utilizados para impedirem que ele publicasse o livro, um dos motivos abordados é o da teoria da "zona cinzenta" ou "lado obscuro" do ser humano. Se ele considerasse tais teorias, conseguiria compreender e perdoar a traição de sua ex-mulher. Porém, o narrador chega a afirmar que "[a] teoria da "zona cinzenta" é só um recurso para justificar decisões eticamente condenáveis" (Ibidem, p. 184), apontando-a como responsável pela justificativa de todo tipo de agressão do século XX, chegando com força ao século XXI, que disfarça ditaduras sob a nomenclatura de "liberdade".

Seguindo esse raciocínio, Lísias parece declarar o objetivo de seu texto – aspecto criticado em uma resenha de Adriano Schwartz: "Tema e narrativa evoluem juntos em romance 'Divórcio', de Ricardo Lísias" - Folha de São Paulo —, que considera o tom do livro desnecessariamente panfletário: "Acredito que a arte deva desafiar qualquer tipo de poder. *Divórcio* é minha profissão de fé contra essas neoditaduras" (Ibidem, p. 184).

Sendo assim, a assunção da metáfora por Lísias pode trazer consigo uma referência à violência decorrente do século XX, utilizando, inclusive, expressões muito recorrentes nesse período, como a alusão ao subconsciente de Freud: "*Divórcio* é um romance sobre o trauma" (Ibidem, p. 130), bem como a uma prática muito comum durante as guerras e ditaduras latino-americanas do século XX: "Percebi que minha ex-mulher tinha me torturado por todo esse tempo" (Ibidem, p. 26). Assim como o corpo ferido de um soldado numa guerra ou num Estado violento acaba por trazer consigo questões políticas, o corpo de Ricardo Lísias também atua nesse sentido. O romance *Divórcio* certamente pode ser um indicativo de que a memória, a consciência corporal e a tecnologia podem ser importantes aliadas em questões não somente pessoais, mas também sócio-políticas.

### Referências bibliográficas

ANDERS, Günther. **Kafka**: pró e contra. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

LÍSIAS, Ricardo. **Divórcio**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

SCHWARTZ, Adriano. Tema e narrativa evoluem juntos em romance 'Divórcio', de Ricardo Lísias. **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/08/1320743-critica-tema-e-narrativa-evoluem-juntos-em-romance-divorcio-de-ricardo-lisias.shtml>.

### SOBRE A AUTORA

Bruna Tella Guerra tem licenciatura em Letras — Português pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), mestrado em Teoria e História Literária (área de Teoria e Crítica Literária) pela mesma universidade, tendo defendido uma dissertação denominada "Ressignificação da *detective fiction* em *Los detectives salvajes*, de Roberto Bolaño". Tem interesse em temas como Roberto Bolaño, literatura latino-americana e literatura contemporânea.